



Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciências da Educação
Faculdade de Educação
Curso de Pedagogia

PAULO WANDERLEY FIGUEIREDO DA SILVEIRA JUNIOR

BRINCADEIRAS TRADICIONAIS NA ESCOLA: construindo
habilidades sociais na Educação Infantil.

Belém/PA

2018

PAULO WANDERLEY FIGUEIREDO DA SILVEIRA JUNIOR

BRINCADEIRAS TRADICIONAIS NA ESCOLA: construindo
habilidades sociais na Educação Infantil.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Pará/UFPA, como
requisito parcial a obtenção do grau de
Licenciado Pleno em Pedagogia.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosely Risuenho
Viana.

Belém/PA

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo o dom da vida e por todo o conhecimento e sabedoria que Ele me permitiu adquirir, pois, a palavra diz que todo o conhecimento vem do criador dos céus e da terra. A Ele toda honra e glória.

A meus pais, Paulo Wanderley, e Meuri Oliveira, sem os quais eu não estaria aqui, por toda ajuda que me proporcionaram em diversos momentos, até hoje, cada um à sua maneira.

Ao meu Pai em especial, que apesar de tudo nunca me deixou faltar. É com sua ajuda que finalizo essa fase da minha vida. Meu muito obrigado.

À minha querida mãe, por todos os momentos que estive comigo nessa caminhada. Você foi fundamental para que esse sonho se tornar-se realidade.

Ao meu querido irmão Marcelo, que tem participação nessa jornada. Você faz parte desse sonho também meu irmão.

À minha amada esposa Marcelly Silveira, que me apoiou e permaneceu do meu lado em todos os momentos. Agradeço imensamente a você, pelos puxões de orelha e pela compreensão em diversos momentos. Te amo.

À minha querida orientadora Profa. Dra. Rosely Risuenho, por pacientemente me ajudar e caminhar juntamente comigo nesta jornada, e por não desistir de mim. Obrigado pelo compromisso e dedicação para que esse trabalho se tornasse realidade.

A todos os que contribuíram de alguma forma para a realização desse sonho que durou alguns anos, meu muito obrigado.

Que Deus permaneça no coração de todos, abençoando e trazendo paz para vossas vidas.

DEDICATÓRIA

Dedico a todos os que acreditaram em mim. Em especial ao meu Pai.

*Sim, peça sabedoria e grite pedindo entendimento.
Procure essas coisas, como se procurasse prata ou um
tesouro escondido. Se você fizer isso, saberá o que quer
dizer temer o Senhor, e aprenderá a conhecê-lo. É o
Senhor quem dá a sabedoria; a sabedoria e o
entendimento vêm dele.*

(Provérbios 2: 3-6.)

BRINCADEIRAS TRADICIONAIS NA ESCOLA: construindo habilidades sociais na Educação Infantil.

Paulo Wanderley Figueiredo da Silveira Junior

Paulo-wanderley@hotmail.com

Universidade Federal do Pará

Resumo

Este artigo relata as experiências de brincadeiras tradicionais realizadas com crianças entre 05 a 06 anos em uma Unidade Escolar pública, localizada no bairro de Val-de-Cans na Região Metropolitana de Belém/PA. As atividades integraram o projeto “**Brincando e aprendendo na Educação Infantil: uma experiência com as brincadeiras tradicionais**”, proposto durante o Estágio Supervisionado em Educação Infantil desenvolvido de março a novembro de 2016, como parte formação do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Do ponto de vista metodológico trata-se de um estudo descritivo-exploratório, de natureza qualitativa, tal como sistematizado por Hatton e Smith (1995), uma vez que parte das interrogações nascidas do contato com os alunos e, posteriormente, dialoga com o universo conceitual dos autores que tematizam o lúdico (NEGRINE, 2016; KISHIMOTO, 2016; SUZUKI, 2009; SALGADO, 2010), as brincadeiras tradicionais (RIBEIRO e EUZÉBIO, 2013; MENEZES, 2014; ALENCAR, 2010) e as habilidades sociais (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2017, CABALLO, 1996). As conclusões preliminares deste estudo, ainda em construção, demonstram que as brincadeiras tradicionais no ambiente escolar contribuem para o desenvolvimento das habilidades sociais nas crianças.

Palavras-chave: Brincadeiras tradicionais. Educação infantil. Habilidades sociais. Lúdico.

Abstract

This article reports the experiences of traditional games played with children between 05 and 06 years of age in a Public School Unit, located in the Val-de-Cans neighborhood in the Metropolitan Region of Belém / PA. The activities were part of the project "Playing and learning in Early Childhood Education: an experience with traditional games", proposed during the Supervised Internship in Early Childhood Education developed from March to November of 2016, as part of the Pedagogy Course of the Federal University of Pará (UFPA). From the methodological point of view, this is a descriptive-exploratory study, of a qualitative nature, as systematized by Hatton and Smith (1995), since part of the questions born of the contact with the students and, later, dialogues with the universe (RIBEIRO and EUZÉBIO, 2013, MENEZES, 2014, ALENCAR, 2010) and the social skills (DEL PRETTE, and DEL PRETTE, 2017, CABALLO, 1996). The preliminary findings of this study, still under construction, demonstrate that traditional play in the school environment contributes to the development of social skills in children.

Keywords: Traditional games. Child education. Social skills. Ludic.

1. Palavras iniciais

As metodologias de ensino utilizadas no processo de ensino-aprendizagem escolar têm sofrido modificações nos últimos anos, de modo que a valorização do desenvolvimento de habilidades sociais nos alunos se tornou um objetivo a ser

alcançado pelos educadores. Dentre as diversas formas de estimular a sociabilidade nas crianças, as brincadeiras são apontadas como recursos didáticos efetivos, de modo que, quando empregadas adequadamente, tornam a aprendizagem menos mecânica, mais significativa e prazerosa, estimulando a criação e o fortalecimento dos laços sociais.

Com base no exposto, este artigo tenta responder a seguinte interrogação: quais habilidades sociais são desenvolvidas a partir do emprego de brincadeiras tradicionais na escola? Esta pergunta teve origem a partir de experiências de brincadeiras tradicionais (pular corda, pique pega, amarelinha, empinar pipas, entre outras) realizadas com crianças durante o estágio curricular em Educação Infantil 01 e 02, do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, supervisionado pela Professora Ms. Celí Bahia. O estágio constou de um período inicial realizado na UFPA para preparação e orientação em torno de posturas, atitudes, limites e possibilidades sobre o papel do estagiário na instituição escolar. Em seguida os estagiários passaram ao momento de observação, sem intervenção, na Unidade Infantil Providência, também denominada de “Casa da Amizade”, em uma turma de Jardim II (25 crianças entre 05 e 06 anos).

Após oito aulas de observação e algumas intervenções, além de auxiliar a professora, desenvolvi o projeto intitulado “Brincando e aprendendo na Educação Infantil: uma experiência com as brincadeiras tradicionais”. A principal motivação para escrever este trabalho está relacionada aos desafios que o estágio em Educação Infantil propôs à formação acadêmica, principalmente quanto a importância de oportunizar experiências com brincadeiras tradicionais, observando seus limites e possibilidades como prática lúdica, mas, principalmente, para o desenvolvimento das habilidades sociais. É preciso esclarecer que a descoberta dos autores e conceitos em torno das habilidades sociais (comunicação, empatia, civilidade etc.) ocorreu após o término do estágio, durante a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Logo, relatar as brincadeiras tradicionais utilizadas permitiu compreender o quanto são capazes de estimular a formação de habilidades sociais nas crianças, e ressaltar a importância da ludicidade para a construção desse processo, no contexto da educação escolar.

Os termos metodológicos deste trabalho constitui um estudo exploratório, caracterizado como uma “descrição reflexiva” tal como apresentada por Hatton e Smith (1995, p. 17) como uma tentativa de reflexão, mas de modo descritivo que reconhece diferentes pontos de vista, ora centrado na perspectiva pessoal, ora no reconhecimento das referências da literatura.

Finalmente, conhecer a dinâmica do lúdico, sem dúvida, torna-se relevante considerando seu papel no desenvolvimento das habilidades sociais ao contribuir para ampliar o conhecimento teórico e metodológico em torno das várias dimensões e possibilidades do uso das brincadeiras tradicionais na escola.

2. Projeto “Brincando e prendendo na Educação Infantil: uma experiência com as brincadeiras tradicionais”:

Minha inserção na turma se deu de forma bem espontânea. Assim que cheguei, a professora Dilma me apresentou como sendo “outro professor” para “estar junto”, “ajudando” dentro da sala de aula todas as terças feiras. As crianças de imediato queriam saber meu nome e o que eu fazia. Era notório no rosto delas que estavam gostando de ter um novo professor. Permaneceram sorrindo em minha direção. Algumas meninas até cochicharam, e os meninos queriam saber se eu poderia brincar com eles.

Logo, o principal objetivo do projeto pedagógico era oportunizar aos alunos momentos de jogar brincadeiras tradicionais uma vez que observei que durante o recreio, momento que antecedia o lanche, os meninos não brincavam de outra coisa para além de correr ou de futebol improvisado e, as meninas, permaneciam geralmente sentadas em grupos isolados. Passo agora a descrever as brincadeiras realizadas durante o Projeto.

- **Pular corda**

A primeira atividade proposta para as crianças da UEI “Providência” consistiu no “bate corda”, no dia 22 de setembro de 2016. A turma era bem diversificada quanto a presença de meninos e meninas; contava com aproximadamente 25 (vinte e cinco) alunos. Percebi a expectativa deles nos momentos em que dizia que iríamos realizar

brincadeiras. Todos, sem exceção, ficavam eufóricos, e começavam a pular e gritar demonstrando entusiasmo. Alguns, mais afoitos, como Agatha, Maria, Fernando, Lucas e Mateus (por precaução ética, os nomes das crianças são fictícios) não paravam um instante. Agatha era a mais afetiva. Constantemente próxima de mim.

Na hora de organizar a turma para iniciar as brincadeiras era necessário me deter um pouco para explicar a proposta, principalmente pela curiosidade sobre o que iríamos fazer. Iniciei explicando como realizar a “troca de bastões”. Após demonstrar como a brincadeira deveria ocorrer, escolhi aleatoriamente três crianças para participar. Dispus uma no início da sala, outra no meio, e uma no final da sala, formando uma linha reta. A criança que está no início irá segurar um bastão e correrá até seu colega que está no meio e assim sucessivamente até finalizar a prova.

Formei duas equipes, uma do lado da outra para iniciar as disputas e assim fui revezando até que todos tivessem participado. Os meninos eram os mais apressados. Mateus, por exemplo, queria repetir várias vezes a mesma atividade, sentia nele o desejo de querer vencer. Era notória a felicidade nos rostos das crianças em participar, em brincar e, apesar da euforia, todos seguiam as regras, até mesmo pelo fato da professora da turma está presente na sala.

Já a clássica brincadeira do “bate corda” ou “pula corda” consistia em duas crianças segurarem, cada uma, a extremidade de uma corda, e, uma terceira, no meio para que quando iniciasse o giro da corda o participante do centro deveria pular de forma a evitar que a corda encostasse nele. Não houve a necessidade de explicação, visto que todos brincavam quase que diariamente de “pular corda” na própria Unidade Escolar. Então escolhi os que participariam inicialmente, e depois fui selecionando um a um. Como só havia uma corda para a realização da brincadeira, elegi primeiro as três crianças mais “empolgadas” para iniciar o ato lúdico: Agatha, Vitória e Fernando. Fernando e Vitória seguraram as extremidades das cordas para Agatha pular, porém Fernando sempre queria girar mais rápido que Vitória para fazer com que a coleguinha não conseguisse pular e assim abandonasse logo a brincadeira.

- **Jogo da amarelinha**

No dia em que propus o “jogo da amarelinha” havia poucos alunos em sala. Ainda assim mantive o planejado. Doze crianças participaram. Agatha, como sempre, não faltava, e demonstrou muita animação ao saber que a brincadeira escolhida para o dia era “amarelinha”; já havia uma marcação para este jogo feita com fita colorida no chão da sala, assim, novamente, não foram necessárias instruções. Usei o giz para desenhar outra marcação ao lado da já existente e dividi a turma misturando meninos e meninas. Agatha foi a primeira, seguida de Ana e Mateus. Dois alunos não quiseram participar da brincadeira, preferiram ficar correndo pela sala, pois achavam que era “brincadeira de menina”. Expliquei a brincadeira não era só para meninas, mas para diversão de todos, ainda assim, eles optaram por permanecer correndo e, posteriormente, passaram a brincar com outros brinquedos dispostos em um canto na sala de aula.

- **Pega-cola**

No dia 20 de outubro, como não havia chovido, optei por levar as crianças para o coreto da escola, localizado na área externa. Todas sentaram formando um semicírculo e comecei a explicar o que seria o “pique-pega”. No momento inicial da minha fala notei que a expressão “pique-pega” causou certo estranhamento nas crianças. Elas não sabiam do que tratava, e por isso não paravam de perguntar como funcionava.

Na medida em que fui apresentando o passo-a-passo, uma delas exclamou “Ah, isso é pira-cola!”. Não atentei para o fato de que a brincadeira poderia variar de nome e estrutura de acordo com a cultura infantil ou o contexto sociocultural e econômico da criança. E, mais uma vez, elas já sabiam como se brincava, então escolhi quem seria o primeiro a sair “colando” os outros participantes do grupo.

Como havia uma grande quantidade de crianças, selecionei um menino e uma menina para não ficar cansativo para eles, já que teriam que “colar” uma grande quantidade de jogadores. Assim, dei início ao jogo e fiquei observando como se comportavam. Imediatamente todos começaram a correr por todos os lados gritando e tentando fugir de quem tinha o poder de colar cada um. Alegria é o que estampava o rosto das crianças ao correrem pelas áreas da escola, lembrando que todas participaram, o que me deixou mais entusiasmado, pois meu foco era a integração de todos nas brincadeiras que havia planejado.

Depois de alguns minutos percebi algo interessante. Havia uma rixa entre alguns alunos, pois os dois que estavam “colando” começaram a correr somente em direção a colegas específicos. Eles “colavam” Maria e Edu e, a medida que alguém os descolava, começavam a correr atrás de Maria e Edu até que conseguissem colar novamente. Nesse momento, intervi, pois avisei que tinham outros colegas que estavam na brincadeira e que não podiam ficar “de marcação” só em algumas pessoas, porque, dessa maneira, os outros colegas não iriam participar. E assim continuamos a brincadeira até o momento em que tocou o sinal do intervalo. Alguns falaram que queriam brincar mais, outros correram imediatamente para o refeitório e foram lanchar.

- **Queimada**

No dia 10 de novembro realizei o jogo denominado “queimada” com eles. Achei uma das melhores experiências que pude por em prática, mesmo com a dificuldade em explicar como funcionava. Boa parte da turma não conhecia brincadeira. A dificuldade fazer com que compreendessem que o campo é dividido em quatro partes: Lados A e B, Cemitério A e B. Decidi, então, demarcar o campo no chão com um giz, facilitando o entendimento deles. Como a sala de aula era grande não houve a necessidade de sairmos de lá. Desenhei da seguinte maneira:

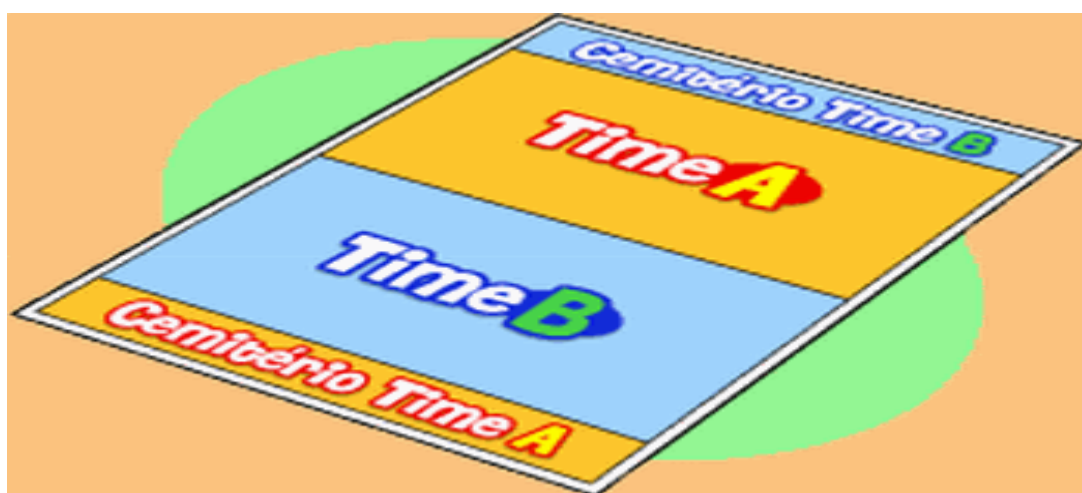


Imagem disponível em <http://www.culturamix.com>

Logo após expliquei detalhadamente o jogo deveria ocorrer, da necessidade de fazer dois grupos, os quais ficariam em lados opostos no campo. Uma criança arremessaria a bola e deveria acertar no corpo da adversária que se encontraria no

outro lado do campo; aquela que fosse acertada pela bola teria que ir para o “cemitério”, que se encontrava nos “fundos” do campo do adversário.

O jogo iniciou e fui instruindo os participantes até que entendessem as regras que eventualmente eram quebradas pelas crianças. Quando um jogador era acertado pela bola e se recusava a ir para o cemitério, eu explicava novamente os parâmetros do jogo e da necessidade de segui-las para garantir a diversão de todos. Algumas crianças entenderam perfeitamente a estrutura da brincadeira, respeitaram as regras, outras nem tanto, até que uma equipe saísse campeã.

- **Pique-esconde**

O “pique-esconde” foi outra atividade realizada na área externa da escola, no dia 17 de novembro. Por se tratar de uma brincadeira bastante tradicional, todas as crianças já conheciam previamente as regras. Escolhi um aluno, João, que pouco participava das atividades, para ser “a mãe”. Propus que contasse até trinta e depois saísse para procurar seus colegas, que estariam escondidos.

Permaneci observando o desenvolvimento das brincadeiras para intervir nos momentos em que considerava necessário. A alegria e a reação de cada aluno era uma das minhas maiores satisfações. A simples menção de que haveria uma brincadeira diferente para cada encontro, já deixava as crianças eufóricas. O intuito era deixar eles livres, para se divertir e aproveitar “o ser criança”.

Enquanto João fazia a contagem, todos foram se esconder, até que o menino começou a procurar e logo foi achando um a um. Porém, dois alunos se esconderam em uma área da escola que possuía uma grande quantidade de mato, lugar onde Marcos acabou por perder um dos pares de seus sapatos. Nesse momento, uma parte dos alunos começou a ajudar o colega a procurá-lo. Era visível a preocupação da criança, porém a professora, no final da atividade, conversou com ele e com os pais no momento em que estes vieram buscar o aluno, explicando o ocorrido.

- **Bola de gude**

Retornei na semana seguinte com a proposta de brincarmos de bola de gude. Levei um saco com dezenas de bolinhas de vidro, e distribuí três para cada um. A

partir disso, mandei todos para fora da sala. A areia estava um pouco molhada, devido à chuva que havia caído no início da tarde. Perguntei para Dilma, a professora, se existia algum problema deles brincarem com o ambiente nessas condições, disse ela “sem problemas”.

Com isso, todos os meninos já sabiam brincar e boa parte das meninas também. Fiz alguns triângulos na areia e pedi que esses colocassem duas bolinhas de gude em cada triângulo. Depois os perfilei e mostrei que deveriam jogar a peteca para retirar o máximo de bolinhas do triângulo, assim, aqueles que não sabiam como funcionava o jogo teria a oportunidade de aprender. E assim permaneceram brincando até o intervalo; algumas meninas logo pararam e foram brincar de amarelinha, de pentear bonecas entre outras brincadeiras.



Ilustração da brincadeira feita pelo autor

- **Soltar pipa**

Para a realização dessa atividade era necessário um tempo bom, sem chuvas, pois ela requeria que as crianças fossem para o gramado da Escola. Como tenho habilidade para fabricar e empinar pipas confeccionei previamente oito unidades para que elas pudessem fazer subir e brincar. Os meninos foram os que mais se interessaram de imediato pela atividade. Porém as meninas aderiram à atividade gradativamente.

Levei o material: linha, pipas e demonstrei como fazer subir. Enquanto uma criança segurava a pipa, a outra puxava pela linha para colocar no ar. Formei grupos de três crianças para brincar, revezando entre si. Pequenos conflitos já eram esperados por um querer ficar mais tempo que o outro empinando a pipa. Aproveitei esses momentos para enfatizar o direito de todos ao brincar e ter a sua vez. Inicialmente demonstravam certa contrariedade, mas posteriormente mudavam de atitude e passavam a vez para o coleguinha.

As crianças corriam com as pipas pelo campo, e eventualmente alguns meninos enrolavam as linhas com a de outros colegas na tentativa de “cortar” a pipa do outro. Eles perguntavam se podiam “dá laço” que consistia exatamente nesse cortar a linha da pipa dos demais. Devido ser dessa maneira que eles costumeiramente brincavam de empinar pipa, alertei que aquele momento não envolvia competições, mas brincar, aperfeiçoar a técnica caso desejassem, mas depois “baixar” e devolver para dar continuidade ao brincar.

No final da atividade todos baixaram as pipas, aí então realizei um sorteio das pipas. Com essa atividade finalizei o projeto de estágio na Unidade Escolar “Casa da Amizade”. Com o encerramento do estágio iniciei o processo de conceitualização e construção teórico-analítica do “processo de brincar” com as crianças na escola. A seguir passo demonstrar a importância das brincadeiras tradicionais para o desenvolvimento das habilidades sociais e, conseqüentemente, para a aprendizagem na Educação Infantil.

3. Contribuições do brincar para o desenvolvimento e a aprendizagem escolar: o que pensam os autores

Para Oliveira (2014, p. 27) as atividades lúdicas são a essência da infância. Mas nem sempre foi assim. Há pouco tempo as crianças não eram vistas como são hoje, pessoas em desenvolvimento que necessitam de atenção (NEGRINE, 2016, p. 45), o que é reafirmado por Abramovich (2014, p. 19) ao destacar que as crianças eram vistas como adultos em miniatura, e que sua importância era medida por sua aptidão para o trabalho, quando estas pertenciam às classes mais baixas da sociedade.

É fato que a criança não pode ser vista ou tratada como se fosse um adulto que ainda “não cresceu” isto porque é dotada de características próprias. O brincar está presente na vida das crianças desde os primórdios, como uma atividade natural, por isso para que uma criança se torne um adulto saudável, ela precisa percorrer todas as etapas de seu desenvolvimento físico, cognitivo, social e emocional, tendo, portanto, que ser apoiada tanto pela família quanto pela de escola, onde, também, as atividades lúdicas têm que necessariamente estar presentes.

Negrine (2016, p. 41) relaciona os principais benefícios do lúdico, do brincar e do próprio brinquedo para o desenvolvimento das crianças, os quais valem à pena destacar ponto a ponto neste trabalho:

- As atividades lúdicas possibilitam fomentar a resiliência, pois permitem a formação do autoconceito positivo;
- As atividades lúdicas possibilitam o desenvolvimento integral da criança, já que através destas atividades a criança se desenvolve afetivamente, convive socialmente e opera mentalmente;
- O brinquedo e o jogo são produtos de cultura e seus usos permitem a inserção da criança na sociedade;
- Brincar é uma necessidade básica assim como é a nutrição, a saúde, a habitação e a educação;
- Brincar ajuda a criança no seu desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social, pois, através das atividades lúdicas, a criança forma conceitos, relaciona ideias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão oral e corporal, reforça habilidades sociais, reduz a agressividade, integra-se na sociedade e constrói seu próprio conhecimento.

Os aspectos elencados por Negrine permitem perceber que, brincando, a criança é capaz de desenvolver suas potencialidades, uma vez que faz comparações, análises, nomeações, medições, associações, cálculos, classificações, composições, conceituações e desenvolve seu senso criativo, entre outras ações e comportamentos. Uma das condutas adquiridas através da brincadeira é, de acordo com Almeida (2014, p. 33), a estruturação e utilização de regras. Tais regras são visíveis quando, por exemplo, se observa o brincar de bola de gude ou futebol. No decorrer das brincadeiras surge a importante função de desenvolver nas crianças um senso de responsabilidade e de limitações impostas pelas regras que devem ser seguidas.

Mas há de se deixar claro que as regras que regem uma brincadeira não são de todo taxativas, haja vista que as crianças inseridas no contexto lúdico podem modificá-las quando desejarem ou for conveniente ao andamento da brincadeira. Assim, Oliveira (2014, p. 41) observa que a criação de regras, sobretudo quando a

brincadeira é coletiva, contribui para o senso de organização e sociabilidade dos participantes.

Kishimoto (2016, p. 25) ressalta que as brincadeiras têm a importante função de auxiliar no desenvolvimento de noções de espaço, lateralidade, coordenação motora, interação com o grupo e tantas outras habilidades que podem ser desenvolvidas pelas crianças. Desse modo, não devem ser utilizadas como recursos pelos professores apenas para o processo pré-escolar, visto que esta atitude materializa uma grande restrição na sua utilização e como consequência, limita os seus benefícios.

Atualmente, diante de uma maior preocupação com a formação das crianças, tanto pais como educadores buscam a melhor maneira de as tornarem responsáveis, equilibradas e sociáveis. No entanto, não é incomum esquecerem-se que o brincar pode ser uma ferramenta muito eficaz para que a criança desenvolva essas qualidades.

Nesta perspectiva, Kishimoto (2016, p. 17) afirma que o ato de brincar é tão importante para a criança que pode ser comparado com a importância do trabalhar para os adultos, por exemplo, uma vez que isso se dá em virtude do fato de que a brincadeira, além de ajudar a desenvolver a capacidade cognitiva da criança, é fator primordial para que se torne ativa, criativa e inicie suas relações sociais, oportunizando relacionar-se com os outros, além de ser um ato indispensável à sua felicidade, tornando-a, mais tarde, um adulto propenso à bondade e à solidariedade, valores que lhes são apresentados através do ato de brincar.

Para Timerman (2013, p. 67) através da brincadeira é possível descobrir os limites do corpo, estreitar os laços da afetividade e, por que não, lidar com as frustrações. Por isso, pode ser afirmado que as brincadeiras, apesar de aparentarem ser simples manifestações comportamentais, na verdade são uma rica fonte de estímulo ao desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança.

Deste modo, o ato de brincar é extremamente importante, não apenas para o desenvolvimento intelectual de uma criança, mas, acima de tudo, para o desenvolvimento de um adulto saudável. Isso, porque, tal como afirma Suzuki (2009, p. 21), o brincar é um meio de proporcionar a educação integral através de situações naturais de aprendizagem, afirmação que se coaduna com que pensa Kishimoto (2016, p. 35) para quem o brincar é comprovadamente um instrumento natural de

desenvolvimento das habilidades de uma criança, haja vista as muitas facetas que uma brincadeira pode assumir, levando esta criança a explorar sua imaginação. Contudo, Suzuki (2009, p. 36) ressalta que apesar de brincar ser algo natural e inerente às crianças, há que se ter mais atenção quando este passa a ser incentivado nas escolas.

Nesta perspectiva, quando se pratica uma pedagogia que tem a ludicidade como aspecto primordial, os educadores responsáveis devem ser pessoas aptas a desenvolverem atividades lúdicas, condição esta que guarda imediata relação entre a ludicidade e o desenvolvimento infantil. É novamente Kishimoto (2016, p. 39), quem aponta a direção para que o brincar seja efetivamente inserido nos processos educativos, ao reiterar a necessidade de adoção tanto de atitudes favoráveis ao ato, quanto uma mudança comportamental que seja de acordo com tais atitudes. Para que isso ocorra, Brandão e Froeseler (2014, p. 43) argumentam que:

Através da atividade lúdica ocorre um progresso da assimilação a tudo que lhe é passado, por todos estes motivos que os jogos fazem parte do universo infantil; são objetos sociais que trazem dentro de si uma infinidade de conteúdos que integram as disciplinas escolares. (BRANDÃO; FROESELER, 2014, p. 43).

Quando se fala em ensinar por meio de brincadeiras é imprescindível que os educadores tenham a consciência de que, apesar de utilizar determinada brincadeira para o ensino de certa disciplina ou tema, sempre haverá a necessidade de integrar conhecimentos referentes às mais diversas áreas da vida, por isso que ensinar por meio de instrumentos lúdico-pedagógicos implica em abordar a diversidade temática sob a ótica da interdisciplinaridade.

Não é raro encontrar pais que não dão o devido valor à pré-escola sob o argumento de que a criança só participa dela para brincar. Essa visão estreita desconsidera a importância dos benefícios advindos do simples ato de brincar. Entretanto, as brincadeiras das crianças, pelo contrário, são uma de suas atividades mais “sérias”, uma vez que, através delas, pode-se compreender seu universo e suas características mais importantes.

Por isso, ao observar uma criança brincando é possível decifrar o modo como ela vê e constrói o mundo, como ela gostaria que ele fosse, o que a preocupa, o que lhe chama a atenção, enfim, a simples observação de uma brincadeira pode revelar sentimentos, experiências, sentidos e significados que geralmente não ficam

evidentes apenas no convívio cotidiano com as crianças. Além disso, através do brincar, a criança pode desenvolver sua coordenação motora, suas habilidades sociais, seu raciocínio criativo e inteligência, afirma Salgado (2010, p. 5). O autor complementa:

Está comprovado que a criança que não tem grandes oportunidades de brincar e com quem os pais raramente brincam sofrem bloqueios e rupturas em seus processos mentais (SALGADO, 2010, p. 5).

A brincadeira, portanto, auxilia a criança a se expressar perante o mundo que a cerca, percebe-se que através dela, a criança gradativamente vai desenvolvendo uma visão de mundo que lhe servirá de parâmetro mais tarde, aprendendo regras básicas da sociedade, como aquilo que é permitido e aquilo que não é. Isto cria um senso de sociabilidade. Desse modo, as brincadeiras exercem a importante função de auxiliar o desenvolvimento da personalidade das crianças.

O brincar é tão importante que é um direito universal da criança, garantido por vários documentos normativos internacionais, dentre eles a Declaração Universal dos Direitos da Criança da ONU, que segundo Kishimoto (2016, p. 32) assegura que:

A criança deve ter todas as possibilidades de entregar-se aos jogos e às atividades recreativas, que devem ser orientadas para os fins visados pela educação; a sociedade e os poderes públicos devem esforçar-se por favorecer o gozo deste direito (KISHIMOTO, 2016, p. 32).

Kishimoto (2016, p. 36) também afirma que o brincar é um direito garantido pela Associação Internacional pelo Direito da Criança Brincar (IPA), cujos princípios norteadores são:

- Quanto à saúde: brincar é essencial para saúde física e mental das crianças;
- Quanto à educação: brincar faz parte do processo da formação educativa do ser humano;
- Quanto ao bem estar-ação social: o brincar é fundamental para a vida familiar e comunitária;
- Quanto ao lazer no tempo livre: a criança precisa de tempo para brincar em seu tempo de lazer.

Assim, brincar é algo inerente à infância. É uma das suas necessidades básicas e um dos seus direitos mais importantes, haja vista a sua imediata relação com fatores de desenvolvimento, especialmente social.

De acordo com Severino (2011, p. 31) é necessário que os profissionais que trabalham com a educação infantil cultivem e mantenham um comportamento ético para com seus alunos. Assim, o professor será sujeito indispensável para a condução da educação das crianças, principalmente quando este é apto no desenvolvimento de atividades lúdicas com os seus alunos. Neste sentido, é o professor quem deve inserir no cotidiano escolar novas brincadeiras ou situações que tragam mais interesse para as crianças, aumentando assim a sua capacidade de sociabilidade.

Educar não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho, aquele caminho que o professor considera o mais correto, mas é ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesma, dos outros e da sociedade. É aceitar-se como pessoa e saber aceitar os outros. É oferecer várias ferramentas para que a pessoa possa escolher entre muitos caminhos, aquele que for compatível com seus valores, sua visão de mundo e com as circunstâncias adversas que cada um irá encontrar. Educar é preparar para a vida. (KAMII; DEVRIES, 2011, p. 125).

E mais. Segundo Almeida (2014, p.39) explica que as maiores aquisições de uma criança são conseguidas com as brincadeiras, aquisições que no futuro tornar-se-ão seus níveis básicos de ação real e moralidade. Almeida reitera que pensadores como Vygotsky e Piaget defendem em seus postulados que as atividades lúdicas são o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança sendo, por isso mesmo, indispensável à prática educativa.

A importância do brincar para a educação infantil reside no fato de que este ato, característico e comum a todas as crianças, pode se tornar um grande instrumento de auxílio para o desenvolvimento de habilidades, tendo em vista que o ato de brincar ajuda as crianças a desenvolverem capacidades imprescindíveis para sua formação intelectual e pessoal.

Deste modo, as brincadeiras quando transportadas para o ambiente escolar podem ser grandes aliadas dos educadores na transmissão de conhecimentos e experiências. Por esta razão, o professor assume um papel importantíssimo no desenvolvimento de uma educação infantil que tem como um de seus fundamentos

a utilização de atividades lúdicas com a intenção de potencializar o desenvolvimento das crianças.

4. Brincadeiras tradicionais e educação infantil

É inquestionável que o brincar é característica essencial da criança e que quando empregado como ferramenta educativa estimula o processo de aprendizagem, tornando-o mais efetivo. Neste contexto, Suzuki (2009, p. 53) define a brincadeira tradicional como aquela transmitida pela oralidade infantil e seus conteúdos provêm dos tempos passados, de fragmentos de contos, mitos, práticas religiosas e culturais abandonadas pelos adultos.

Não há, neste artigo, a pretensão de discorrer sobre a origem e desenvolvimento histórico do conceito de “brincadeiras tradicionais”, menos ainda de descrevê-las nos diversos contextos sociais em que se manifestam, mas enfatizar que as brincadeiras tradicionais possibilitam à criança o desenvolvimento de diversas habilidades, sobretudo, sociais a medida que a apropriação de tais brincadeiras ocorre por meio da interação com outras pessoas.

Além disso, Menezes (2014, p. 14) define as brincadeiras tradicionais como um tipo de jogo livre, espontâneo no qual a criança brinca pelo prazer de fazer, tendo um fim em si mesmo e preenchendo satisfatoriamente a necessidade de jogar da criança. Vale mencionar, que as brincadeiras tradicionais, quando utilizadas com o intuito lúdico-educacional, devem considerar as etapas do desenvolvimento de cada criança, de modo que apenas assim poderá ser efetivamente eficiente em seus objetivos.

O surgimento das brincadeiras tradicionais é um evento difícil de precisar. A impressão é de que sempre fizeram parte da infância. No entanto, segundo Kishimoto (2016, p. 48), no que se refere ao Brasil, as brincadeiras tradicionais foram trazidos pelos colonizadores portugueses e em seguida sofreram influências africanas, devido à escravidão. Além disso, não se pode limitar o surgimento das brincadeiras tradicionais no Brasil ao período da colonização, haja vista que os índios já ocupavam o território e a cultura indígena é repleta de ações tradicionais, incluindo brincadeiras infantis.

O fato é que nas brincadeiras tradicionais a criança tem a possibilidade de exercitarem sua energia criativa e sua capacidade social. Barbosa (2012, p. 20)

destaca que durante muitos séculos as brincadeiras tradicionais foram realizadas de forma espontânea, mas o desenvolvimento da sociedade criou necessidades de mediação orientada a essas manifestações e a escola tem sido, atualmente, uma alternativa para o uso social das brincadeiras nas diversas fases de desenvolvimento do indivíduo e para os distintos fins educacionais.

Conforme a função de desenvolvimento da imaginação, socialização, espírito de colaboração, compreensão e transformação do mundo e organização do pensamento lógico (BARBOSA, 2012, p. 20).

Sendo assim, se pode afirmar que a cultura brasileira é muito rica nessas práticas, consideradas tradicionais da infância. Isso porque houve uma grande mistura de influências culturais europeias, africanas e indígenas que deram origem a um rico acervo de brincadeiras tradicionais, que aos poucos estão desaparecendo em virtude da mudança de hábitos, da disseminação tecnológica e, sobretudo, pela massificação midiática que alcança as crianças de hoje e retira-lhes a possibilidade de brincar.

Nesta perspectiva, em um mundo cada vez globalizado, que exige de todos, inclusive das crianças, um repertório mais elaborado de sociabilidade, o desenvolvimento de uma competência social é imprescindível por se tratar de um indicativo preciso de fatores psicossociais e do modo como a criança se tornará um adulto competente socialmente.

Aqui é necessária uma breve incursão conceitual sobre o que os autores denominam de “habilidades sociais”. Segundo Del Prette e Del Prette (2017, p. 12) a infância é um período crítico para a aprendizagem de habilidades interpessoais, havendo evidências de que se a criança desenvolver um amplo repertório de comportamentos sociais terá mais probabilidade de estabelecer, futuramente, relações sociais mais saudáveis e com menor risco de rejeição por seus pares. Habilidades sociais podem ser conceituadas como:

Um conjunto de comportamentos emitidos diante das demandas de uma situação interpessoal, desde que maximizem os ganhos e reduzam as perdas para as interações sociais. Ainda que haja a descrição geral de habilidades sociais, populações específicas têm necessidades interpessoais próprias. (BOLSONI-SILVA; CARRARA, 2010, p. 1).

No cenário atual, Caballo (1996, p. 32) apresenta uma articulação conceitual entre habilidades sociais e expressão de atitudes, sentimentos, opiniões e desejos, enfatizando o respeito a si próprio e aos outros, existindo, em geral, resolução dos problemas imediatos da situação e diminuição da probabilidade de problemas futuros.

Além desse fato, estudos sugerem que o desenvolvimento de habilidades sociais na infância pode se constituir em um fator de proteção contra a ocorrência de dificuldades de aprendizagem e de comportamentos antissociais (FREITAS, 2006; MARQUES, 2010; FERREIRA, 2013).

É neste contexto, segundo Dell Prette e Dell Prette (2017, p. 21), a criança deve lidar com as modificações culturais da sociedade através do exercício constante de aperfeiçoamento de suas habilidades sociais. Desta forma, a competência social na infância passa a ser importante ao possibilitar à criança o desenvolvimento de sua capacidade de lidar com situações adversas demonstrando sentimentos inerentes ao manejo da vida em sociedade.

Além disso, no âmbito educacional, Dell Prette e Dell Prette (2017, p. 07) ressaltam que o desenvolvimento de habilidades sociais é fator decisivo para evitar o surgimento de dificuldades e/ou distúrbios de aprendizagem, isso porque as crianças que apresentam problemas de aprendizagem possuem competências sociais subdesenvolvidas.

Como alternativa a tal problemática, a ludicidade através do emprego das brincadeiras tradicionais, pode ser um mecanismo para o desenvolvimento de habilidades sociais que venham contribuir para a construção de um sujeito emocional e psicologicamente saudável.

O investimento em atividades capazes de auxiliar o desenvolvimento das habilidades sociais na infância é de extrema importância, pois, as dificuldades interpessoais neste período do desenvolvimento humano são mais prováveis de serem superadas e atendidas de maneira precoce.

O bem estar da criança não pode somente ser visto pela ausência de problemas na infância, ou sob a concepção de bens materiais e conforto, mas pode ser ampliado com a capacidade de se relacionar com os outros. Segundo os autores, mesmo quando a criança enfrenta problemas inerentes a sua vida, ela pode

sentir-se mais feliz desde que usufrua de interações prazerosas onde haja compreensão e amor.

Para isso é preciso um repertório de habilidades sociais bem elaborado, para estabelecer uma relação harmoniosa com adultos e colegas na infância. Dell Prette e Dell Prette (2017, p. 41) defendem que as habilidades de expressão, comunicação e desenvoltura dentro das interações sociais podem ocasionar em amizades, respeito ou em convivência harmoniosa e agradável. Estudos mostram que a habilidade social na infância contribui de forma positiva com vários indicadores de funcionamento adaptativo, dentre eles estão: rendimento acadêmico, responsabilidade, independência e cooperação.

Retomando a relevância brincadeiras tradicionais para a educação escolar infantil, é possível notar o quanto têm ganhado espaço nas práticas sociais escolares, como uma forma de resgatar a cultura e incentivar o aprendizado dos alunos, em especial, na educação infantil, sendo uma das atividades recreativas mais aplicadas nas escolas, a despeito da naturalidade com que as crianças geralmente brincam com este jogo.

As brincadeiras tradicionais têm o objetivo de aproximar a criança de sua essência, devendo o professor ampliar esse momento, aproveitando-se dele para promover o desenvolvimento das mais diversas habilidades. Cabe ao professor, neste momento, o papel de facilitador, oferecendo atividades lúdicas como apoio ao processo de aquisição do conhecimento, daí porque um dos principais argumentos sustentados neste trabalho de investigação é que o uso das brincadeiras tradicionais efetivamente contribui para o desenvolvimento amplo das habilidades sociais, as quais Dell Prette e Dell Prette (2017, p. 32) organizaram nas seguintes categorias:

- **Habilidades sociais de comunicação:** fazer e responder a perguntas; gratificar e elogiar; pedir e dar *feedback* nas relações sociais; iniciar, manter e encerrar conversação;
- **Habilidades sociais de civilidade:** dizer por favor; agradecer; apresentar-se; cumprimentar; despedir-se;
- **Habilidades sociais assertivas de enfrentamento:** manifestar opinião, concordar, discordar; fazer, aceitar e recusar pedidos; desculpar-se e admitir

falhas; estabelecer relacionamento afetivo/sexual; encerrar relacionamento; expressar raiva e pedir mudança de comportamento; interagir com autoridades; lidar com críticas;

- **Habilidades sociais empáticas:** parafrasear, refletir sentimentos e expressar apoio;
- **Habilidades sociais de trabalho:** coordenar grupo; falar em público; resolver problemas, tomar decisões e mediar conflitos; habilidades sociais educativas;
- **Habilidades sociais de expressão de sentimento positivo:** fazer amizade; expressar solidariedade e cultivar o amor.

É nesta perspectiva que as brincadeiras tradicionais têm um papel importante na infância, pois a criança, ao participar de tais ações lúdicas, cria e vive momentos de simbolismo, além de ampliar seus horizontes e habilidades sociais, afetivas, motores etc. O emprego das brincadeiras tradicionais é um tema que merece destaque e a escola deve refletir sobre a importância da adoção desta ferramenta de ensino em sala de aula e, ainda sobre a necessidade de aproveitar todas as manifestações de alegria da criança e canalizá-la, emocionalmente, através de atividades educativas que envolvam a ludicidade. Tomando como referência as categorias de habilidades sociais descritas acima é possível afirmar que as brincadeiras tradicionais têm grande importância no contexto da educação infantil, pois possibilitam uma interação efetiva, além de ser uma atividade prazerosa para as crianças.

Para Ribeiro e Euzébio (2013, p. 19) as brincadeiras tradicionais como atividades lúdicas, quando bem direcionadas, trazem grandes benefícios que proporcionam saúde física, mental, social e intelectual da criança. Assim, considerando os objetivos da Educação Infantil, se pode afirmar que as brincadeiras tradicionais são atividades lúdicas que, ao serem desenvolvidas, se tornam fundamentais para o desenvolvimento e aprendizagem, uma vez que, segundo Cascudo (2011, p. 11) possibilitam às crianças experiências que as transportam ao mundo do faz-de-conta, realizando sonhos e fantasias, aliviando medos, tensões e frustrações, aprendendo a respeitar os outros e a participar de grupo.

Inserir-se no contexto da brincadeira é um ato considerado mágico na medida em que a criança transporta o contexto da sala de aula para a sua realidade. Segundo Ribeiro e Euzébio (2013, p. 15) desde os tempos mais primitivos é possível

vislumbrar a importância das brincadeiras tradicionais em várias culturas, posto que é inseparável do ser humano.

Vale mencionar o que Alencar (2010, p. 85) chama de imutabilidade da essência das brincadeiras tradicionais. Em outras palavras, é fato que tais brincadeiras têm um conteúdo social mutável, porém preservam sua essência através dos tempos. Neste sentido, o autor menciona que:

Ao brincar, as crianças ficam tão envolvidas com o que estão fazendo que colocam na ação seu sentimento e emoção [...] as brincadeiras tradicionais revelam-se como instrumentos facilitadores da aprendizagem, possuindo valor educacional e criando condições para que a criança explore seus movimentos (ALENCAR, 2010, p. 85).

Cascudo (2011, p. 26) afirma ainda, que as brincadeiras tradicionais, em toda trajetória da humanidade, sempre tiveram um papel educativo, posto que servem a um propósito, de acordo com as circunstâncias experimentadas por cada povo e pelo efeito que estas provocam na alma humana. Isso se dá em virtude do fato de que as brincadeiras tradicionais têm múltiplas aplicações, exercendo papel fundamental na cultura, na religião e na aprendizagem.

Verifica-se então que o educar através das brincadeiras tradicionais oportuniza ao professor e ao aluno o desenvolvimento de habilidades essenciais. Segundo Kishimoto (2016, p. 33) cabe ao professor provocar interações entre os alunos, sendo que não precisa trabalhar, necessariamente, com cada aluno, mas sim, lhes permitir a comunicação, que é o principal instrumento da didática da aprendizagem através das brincadeiras tradicionais.

Isso é possível porque as tais brincadeiras chamam atenção da criança, possibilitando que ela deseje aprender e, desejando, aprende efetivamente através da interação social que é indispensável para o desenvolvimento cognitivo pleno.

Segundo Barbosa (2012, p. 20), ao inserir as brincadeiras tradicionais no convívio das crianças, aspectos como a sociabilidade estarão sendo trabalhados. Assim, se pode concluir que as brincadeiras tradicionais são importante elemento viabilizador da aprendizagem e sociabilidade infantil, tornando a educação infantil mais eficiente e participativa.

5. Considerações finais

O estágio curricular propiciou experiência prática na área de atuação da interface entre pedagogia e ludicidade. A partir das brincadeiras realizadas durante a execução do projeto **“Brincando e Aprendendo na Educação Infantil: uma experiência com as brincadeiras tradicionais”** sendo de fundamental importância os momentos de troca de afetividade, saberes e aprendizado mútuo com as crianças. Além disso, a necessidade de transformar essa vivência em objeto de investigação e análise do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) possibilitou descoberta do campo conceitual relativo à importância das brincadeiras tradicionais, bem como, do campo teórico das habilidades sociais, referentes com os quais não tive contato durante a formação acadêmica no curso de Pedagogia da UFPA.

Com a realização das brincadeiras nas escolas e estudos posteriores, percebi o quanto é relevante o desenvolvimento de habilidades sociais no contexto escolar, sobretudo como prevenção de conflitos e exercício de convivência coletiva. Percebi também como é fundamental a utilização de estratégias metodológicas lúdicas com o intuito de alargar as possibilidades de ensino e aprendizagem das crianças.

As brincadeiras tradicionais necessitam ainda ser resgatadas, apresentadas ou mesmo reapresentadas às crianças diante do atual monopólio dos jogos eletrônicos e outras tecnologias de diversão, ressaltando que, nesse contexto, é necessário rever também a intervenção do adulto enquanto mediador para que o desenvolvimento do brincar efetivamente ocorra, tornando possível a realização da difícil tarefa de contribuir para o desenvolvimento das crianças, indivíduos em formação, o ato de educar é um compromisso que toda a sociedade deve assumir.

Referências bibliográficas

- ABRAMOVICH, F. **O estranho mundo que se mostra às crianças**. São Paulo: Summus, 2014.
- ALENCAR, S. **A educação infantil**. São Paulo: Editora Paternoni, 2010.
- ALMEIDA, P. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Loyola, 1995.
- ALMEIDA, M. **O brincar na educação infantil**. 2014. Disponível em: <http://efartigos.atSPACE.org/efescolar/artigo39.html>. Acesso em: 26 out. 2018.
- BARBOSA, C. **A importância das brincadeiras na educação infantil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- BRANDÃO, H.; FROESLER, M. **O livro dos jogos e das brincadeiras para todas as idades**. Belo Horizonte: Leitura, 2014.

BOLSONI-SILVA, E.; CARRARA, C. **Habilidades sociais e análise do comportamento**: compatibilidades e dissensões conceitual-metodológicas. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?>. Acesso em 26. out. 2018.

BROUGÈRE, G. **A criança e cultura lúdica**. *Rev. Fac. Educ.* Vol. 24, São Paulo – Jul/Dez, 1998.

CABALLO, V. O treinamento em habilidades sociais. In: V. E. Caballo (org.). **Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento**. (pp. 3-42). São Paulo: Santos Livraria Editora, 1996.

CASCUDO, L. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Editora Global, 2011.

DEL PRETTE, Z.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Petrópolis 2017.

FERREIRA, M. **Habilidades sociais na escola**: uma análise de fatores psicossociais. Porto Alegre: Artmed, 2013.

FREITAS, L. **Psicologia das habilidades sociais na infância**. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a15v22n2.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2018.

FORTUNA, T. **O brincar**. *Revista Pátio. Educação Infantil*. Ano 1, n.3, dez-2003/mar-2004.

FRIEDMANN, A. **Brincar, crescer e aprender**: o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

KAMII, C.; DEVRIES, R. **Jogos em grupo na educação infantil**: implicações da teoria de Piaget. São Paulo: Trajetória Cultural, 2011.

KISHIMOTO, T. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Editora Cengage, 2016.

MARQUES, M. **Treinamento de habilidades sociais**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

MENEZES, A. **A importância das brincadeiras tradicionais na educação infantil**. São Paulo: Atlas, 2014.

NEGRINE, A. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Prodil, 2016.

OLIVEIRA, E. **A importância dos brinquedos no desenvolvimento da criança**. 2014. Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/educacao/a-importancia-dos-brinquedos-no-desenvolvimento-crianca.htm> Acesso em: 26 out. 2018.

RIBEIRO, E.; EUZÉBIO, F. **A importância das brincadeiras tradicionais para a valorização do folclore brasileiro**. São Paulo: Saraiva, 2013.

OLIVEIRA, É. **Psicologia das habilidades sociais na infância**: teoria e prática. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712005000100012. Acesso em: 28 out. 2018.

SALGADO, E. **A importância do Brincar**. 2010. Disponível em: http://www.elisabethsalgadoencontrando voce.com/importancia_brincar.htm. Acesso em: 24 out. 2018.

SEVERINO, A. **A formação profissional do educador**: pressupostos filosóficos e implicações curriculares. São Paulo: Atlas, 2011.

SUZUKI, J. **Fundamentos e metodologias do cuidar, educar e brincar**. 2009. Disponível em: <<https://www20.unopar.br/unopar/ava/aluno/formwebaula>>. Acesso em: 26 out. 2018.

TIMERMAN, Y. **Brincar faz bem à saúde!** 2013. Disponível em: <<http://www.alobebe.com.br/site/revista/reportagem.asp?texto=297>>. Acesso em: 26 out. 2018.

ZOBOLI, F. **As brincadeiras tradicionais**: um resgate da ludicidade. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.